

“Moleque de rua” é o nome do disco e da banda paulista formada por meninos e rapazes, de famílias carentes, que une guitarras com instrumentos de lixo reciclado. (Pág. 2)

O Poti Revista

O mercado do varejo reage à crise e assume uma posição agressiva na mídia jornal, investindo nas páginas do Diário e O Poti e conseguindo resultados surpreendentes. Portfólio. (Pág. 2)

Natal — Domingo, 09 de agosto de 1992 — Suplemento semanal de O Poti * Não pode ser vendido separadamente

3º Caderno

O Vale em festa comemora 134 anos



No Solar dos Antunes, a Prefeitura



Casa senhorial do Guaporé é museu



Casarios cercam o antigo mercado



Escritoras promovem sarau no Vale

Texto e fotos Salésia Dantas

O Vale do Ceará-Mirim está em festa. A cidade se deixa tomar pelos ecos do passado e num ambiente de rememoração, ressalta sua história fincada nas bases da economia e da cultura. São as comemorações dos 134 anos da terra dos engenhos, dos poetas e escritores, que ali plantaram raízes através dos nomes de tradição.

Patrimônio dos Pereiras, Antunes, Varela, Pacheco, Sobral, Dantas, Meira e tantas outras famílias que marcaram registro nas terras dos canaviais, Ceará-Mirim preparou semana de atividades culturais, para marcar a passagem da data. E em cada canto da cidade, sobre o olhar majestoso da Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sua santa padroeira, as manifestações do povo iam se repetindo como cenário de um palco giratório. A cidade toda, é volta da para o Vale Verde.

A banda de música fazia o papel de cicerone, saudando a passagem dos monumentos históricos. E diante do olhar dos curiosos visitantes, executava os dobrados, que num gesto de patriotismo, não faltava na pauta, o hino de louvor a Ceará-Mirim, de autoria de um ilustre filho da terra, José Luiz da Silva, poeta popular e autor da música e letra. Com fervor, todos cantavam as estrofes, durante as festividades que foram programadas pela Prefeitura local, juntamente com várias autoridades civis.

A abertura das programações aconteceu na Biblioteca José Pacheco Dantas, jornalista, escritor e médico nascido no Engenho Ilha Grande ou União, um dos batalhadores para que o trajeto da Estrada de Ferro Central do Brasil passasse por Ceará-Mirim e Taipu, ao invés de tomar os



Banda saúda os presentes

rumos de Macaíba. Também foi José Pacheco, responsável pela regularização do transporte de navios para o porto de Natal, através da então companhia de navegação Lloyd Brasileiro. A biblioteca pública municipal foi fundada em 1945, pelo então prefeito Floriano Cavalcanti e o prédio onde atualmente está instalada foi uma doação para que ali funcionasse uma casa de resguardo da produção cultural dos ancestrais cearamirenses.

Dentre o acervo que constam mais de 17 mil volumes, estão obras de valor, como “Oiteiro”, de Madalena Antunes, um livro de memórias, sendo o primeiro no gênero escrito por uma mulher nordestina. Nele, ela conta sua vida no Engenho Oiteiro, onde nasceu e se criou. Uma edição de 1958, pela Pongetti. De Câmara Cascudo, dois volumes sobre História do Rio Grande do Norte, não mais editados e ainda toda a coleção do engenheiro e escritor Júlio Gomes de Sena, que o município se orgulha de tê-lo como filho e que projetou-se lá fora, quando alcançou o cargo de diretor dos Correios no Rio de Janeiro. Em seus livros, o autor combate o conformismo, a acomodação e proclama a população à

ação oportuna, indicando a potencialidade geo-sócio-econômica da região.

Em sessão nostálgica, uma representação feminina da Associação de Jornalistas e Escritoras do Rio Grande do Norte — AJEB/RN, apresentou um sarau literário com poesias saudando a terra dos canaviais, em sala da biblioteca. Uma exposição de pinturas e artes diversas foi improvisada, com trabalhos de artistas plásticos de várias cidades, concluída com lançamento de livros e tarde de autógrafos.

E as comemorações dos 134 anos de Ceará-Mirim prosseguiram, com o Museu do Guaporé abrindo suas portas para a visitação pública, onde outrora a casa grande do engenho abrigava seu senhor e dali saíam as ordens de comando ouvidas de Vicente Inácio Pereira, genro do Barão de Ceará-Mirim. Dos mais de 65 engenhos que o município chegou a possuir nos áureos anos de império da cana-de-açúcar, apenas três resistiram ao tempo e continuam em atuação: Verde-Nasce, Mucuripe e São Leopoldo. Um quarto foi transformado em micro-usina, o antigo Engenho Paraíso, que hoje tem o nome de Destilaria Boa Esperança.

Mas se plantações de cana se estendem por todo o Vale, permanecendo o cartão postal do município, seus louros estampados na bandeira. Ninguém chega ao Ceará-Mirim sem ser envolvido pela atração poética da paisagem. Em suas constantes peregrinações pela região, o escritor Nilo Pereira repetia canonicamente: “Esta é a ditosa pátria minha amada”. Já Henrique Castriciano, quando secretário do governo Alberto Maranhão em 1907, preparou um relatório objetivo sobre a sua economia, em que a poesia se aprofunda no problema econômico-social. E foram geógrafos, sociólogos, economistas e historiadores que fizeram registro das riquezas do Vale.

Verve poética transpõe os limites do Ceará-Mirim

A verve poética do Vale do Ceará-Mirim não se restringiu apenas à região, e seus valores culturais se expandiram a outros mundos, como bem se destaca o peso literário de um Nilo Pereira e Juvenal Antunes, este falecido em Manaus, ano de 1944. Desde então, as homenagens ao “boêmio inolvidável” como era conhecido, passaram a fazer parte também da cultura do Estado do Acre, onde pertenceu ao Ministério Público Federal e ajudou a fundar a Academia Acreana de Letras, conseguindo impor-se como poeta consagrado.

Dia 1º de maio último, Juvenal Antunes teve seu nome dado à uma escola de 1º grau de Rio Branco - Acre, construída pelo

prefeito Jorge Kalume, que no ato da solenidade ressaltou o poeta e promotor norte-rio-grandense de Ceará-Mirim, que ali viveu nos anos de 30 a 40. Mas foi em Manaus que veio a falecer, num 30 de abril de 1941, aos 57 anos, quando se preparava para visitar Natal e conseqüentemente, seu vale verde. Morreu solteiro e sem filhos, apesar dos muitos amores vividos, que não levavam em consideração seu pouco mais de metro e meio de altura, cabelos raros e longe mesmo dos padrões de beleza masculina.

De família aristocrática do município, Juvenal, que nasceu em 1883, tornou-se célebre no começo do século, por sua ver-

ve destemida e pelo poema “Elogio a Preguiça”: Bendita sejas tu, Preguiça Amada/ que não me consentes que eu me ocupe em nada. Não seria melhor que toda gente/ em vez de trabalhar fosse inocente?/

Não seria melhor viver à sorte/ se o fim de tudo é sempre o nada, a morte?/

Mas a preguiça de Juvenal Antunes não era brincadeira ou tema de poesia simplesmente. Era conhecido mesmo por sua falta de coragem. Conta-se, que, certa ocasião, após ser convidado para uma festa de 15 anos, ele logo acrescentou: “Se não morrer de preguiça, eu vou”. E na noite da festa, os amigos impacientes com a demora,

resolveram dar um pulo em sua casa. Ao entrarem em seu quarto, havia uma papel com o seguinte bilhete: “Se sentirem minha falta no tal baile, não lamentem, estou acometido de grande mal: preguiça. Peço pois, a consideração de não despertarem meu inocente sono. Nele, estou em traje de gala, na dita festa, sentado num canto, apreciando o baile. Por favor, sejam honestos, mintam por mim...”

Era assim, o Juvenal, autor de vários sonetos, que em sua maioria ficaram com Esmeraldo Siqueira, tendo pedido à sua irmã Maria Madalena (autora de Oiteiro, Memórias de uma Sinhá-Moça), e que nunca foram devolvidos. Foi também Esmeraldo, o

autor do livro “O Inolvidável Boêmio”, em homenagem ao poeta Juvenal Antunes, editado em 1953.

Esmeraldo cita no livro, uma carta enviada por Juvenal ao escritor Umberto Peregrino, na época um adolescente, durante umas férias passadas no engenho Oiteiro, de Ceará-Mirim. “Cumprindo a receita helioterápica do facultativo acreano que em primeira mão me examinou as pernas de raça fina, já estou aqui, às 7 da manhã, de gâmbias ao Sol, estirado numa preguiçosa. Esta inocente e cômoda postura me conferiu a pecha de alienado, por isso que o vulgo não tem obrigações de conhecer a influência dos raios violetas na cura dos nervos perros, por motivos misteriosos”.

E prossegue em sua carta a Peregrino: “As camponesas, que passam na estrada, me dão respeitosa e as horas. Eu, sempre ingênuo como os poetas em geral, lhes correspondo com as pernas. Ora, como ninguém havia ainda usado essa espécie de saudação, minha originalidade me faz passar por egresso de algum manicômio mal vigiado. Enfim, estou gozando a sensação inédita de ser julgado maluco”. Mas segundo citou Esmeraldo Siqueira, Umberto Peregrino achava que não havia alegria no riso de Juvenal, mas crueldade e melancolia, pelo desenganado ceticismo com que o poeta percebia a inutilidade de tudo. Sem desespero nem revolta, era assim que o “boêmio inolvidável” parecia a Peregrino.